



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA CÂMPUS JARAGUÁ
DO SUL - CENTRO**

OBJEÇÕES RELACIONADAS AO CONSUMO DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO

AMANDA GABRIELI SCHALINSKI DOS SANTOS

MARTHA BETTONI

PAMELA ELOIZA KRISANSKI

RAFAELA CAMILA SANTANA

RAFAELA THÁIS JACOBI

JARAGUÁ DO SUL

2023

AMANDA GABRIELI SCHALINSKI DOS SANTOS

MARTHA BETTONI

PAMELA ELOIZA KRISANSKI

RAFAELA CAMILA SANTANA

RAFAELA THAÍS JACOBI

OBJEÇÕES RELACIONADAS AO CONSUMO DE ROUPAS DE SEGUNDA MÃO

Projeto de Pesquisa desenvolvido no Programa Integrante da matriz curricular dos cursos Técnicos Integrados do IFSC, Jaraguá do Sul - Centro, Conectando Saberes, do curso de Modelagem do Vestuário, quarta fase.

Orientador: Elisangela Manarim Guimarães e Vitória Harumi Oyakawa de Oliveira.

JARAGUÁ DO SUL

2023

SUMÁRIO

1 TEMA.....	4
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	4
3 PROBLEMA.....	4
4 HIPÓTESES.....	4
5 OBJETIVOS.....	4
5.1 OBJETIVO GERAL.....	5
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
6 JUSTIFICATIVA.....	5
7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
7.1 TRAJETÓRIA DOS BRECHÓS.....	6
7.2 OS BRECHÓS NA ATUALIDADE.....	8
7.3 DIFERENÇA ENTRE BRECHÓ E BAZAR.....	11
7.3.1 Tipos de brechós.....	11
7.4 DIFERENÇA ENTRE TABUS E PRECONCEITOS.....	12
7.5 OBJEÇÕES RELACIONADAS À ROUPAS DE SEGUNDA MÃO.....	14
7.5.1 Morte.....	15
7.5.2 Doença.....	17
7.5.3 Energia.....	19
7.6 IMPACTOS DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO ALIADA À ANTROPOLOGIA DO CONSUMO CONTEMPORÂNEO.....	21
7.7 SUSTENTABILIDADE NA MODA.....	23
7.7.1 Moda Linear e Moda Circular.....	24
7.7.2 A ascensão do Slow Fashion.....	26
7.8 IMPACTOS DOS BRECHÓS NO MOVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	28
7.8.1 Impactos Na Natureza.....	29
7.8.2 Impactos No Futuro E Possíveis Movimentos.....	30
8 METODOLOGIA.....	31
9 CRONOGRAMA.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES.....	37

1 TEMA

Objeções relacionadas ao consumo de roupas de segunda mão.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A percepção dos discentes do Instituto Federal de Santa Catarina, Jaraguá do Sul - Centro em relação ao consumo de roupas de segunda mão e os pré julgamentos impostos aos mesmos.

3 PROBLEMA

Tendo em vista que existem diversas objeções com relação ao consumo de peças de vestuário em brechós, que vão até mesmo além de questões financeiras, atribuindo, por exemplo, questões relacionadas ao medo de se utilizar uma peça que pertenceu a alguém doente, falecido, ou então mais comumente relacionando-se a falta de conhecimento da origem da peça de roupa, de maneira geral, a questão problema desta pesquisa procura abarcar quais são os prejulgamentos mais abrangentes impostos pelos discentes do Instituto Federal de Santa Catarina, Jaraguá do Sul - Centro, com relação às roupas disponíveis em brechós?

4 HIPÓTESES

- 1) Os brechós estão criando cada vez mais espaço no ramo do vestuário.
- 2) O preconceito existente em relação a brechós possuem relação com a sua trajetória histórica.
- 3) Os brechós, partindo de um princípio de reutilização de peças usadas, contribuem para a moda circular.
- 4) Vem sendo construída uma nova consciência com relação ao consumo de roupas em brechós.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Compreender quais são os preconceitos impostos aos brechós pelos discentes do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Jaraguá do Sul - Centro, e também e conscientizar as pessoas, através da nossa pesquisa, com relação aos brechós e seus impactos positivos para a moda circular e a sustentabilidade.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Especificar quais são os preconceitos impostos pelos estudantes em relação ao consumo de roupas de brechós.
- Sensibilizar os discentes do IFSC, Jaraguá do Sul - Centro, através da nossa pesquisa, sobre a contribuição dos brechós no consumo consciente, possibilitando uma nova concepção sobre os brechós.
- Ponderar os dados relacionados ao consumo de roupas em brechós.
- Compreender quais são os requisitos de compra dos estudantes selecionados.

6 JUSTIFICATIVA

Acredita-se que o comércio de roupas de segunda mão se acendeu no século XIX, e desde seu aparecimento, o mesmo passou por diversas transformações e ressignificações que recriaram o seu modelo. Dessa forma, os brechós vem criando espaço no meio de consumo há muito tempo, espaço esse que também se encara com diversas opiniões vindas da sociedade, que observam as roupas de segunda mão de várias formas diferentes, tanto com opiniões positivas, como um meio para a moda sustentável, quanto opiniões negativas. Com isso, não se pode deixar de notar que existem objeções em relação aos brechós como é relatado em uma pesquisa realizada por Cavas, Maciel e Vale (2016):

A análise das entrevistas realizadas revelou que ainda há restrições ao comércio de roupas de segunda mão e que elas se relacionam ao desconhecimento da origem das peças, o que desperta, nos entrevistados, sentimentos de várias naturezas: o medo da morte, o medo das doenças, o

Posto isso, a escolha do tema surgiu a partir do interesse do grupo em empenhar-se com um tema em que abordasse quais seriam essas objeções, e que também traria consigo aspectos da sustentabilidade na moda. Então, é possível pensar em um ponto de vista a partir dos brechós e bazares e como se dá a sua influência e importância na sustentabilidade da moda no momento presente. Consequentemente, o grupo manifestou interesse em compreender melhor como os brechós e bazares empenham seu papel na sustentabilidade, e assim visar na valorização destes comércios e o seu consumo consciente.

O grupo definiu como objetivo de pesquisa a compreensão dos preconceitos que os discentes do Campus Jaraguá do Sul Centro possuem a respeito dos brechós e conscientizar as pessoas a partir do ponto de vista sustentável e positivo que eles são. Sendo de importância tanto para os discentes quanto para o campus em que poderia ser favorecido com incentivos para a reativação da Arara Rotativa¹ que está momentaneamente desativada.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7.1 TRAJETÓRIA DOS BRECHÓS

O surgimento do mercado de roupas usadas conta com uma estimativa, a qual pressupõe que o mesmo tenha surgido na Europa, mais especificamente em Londres, a partir de feiras de antiguidades que começaram a ganhar espaço no comércio durante o século XIX, considerando um sistema capitalista já bem consolidado. (GADIOLI, 2019)

Voltando um pouco mais no tempo, é possível citar os bazares de caridade que já existiam no século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, e que eram bastante frequentados, visto que lá pessoas de classes sociais menos favorecidas poderiam

¹ A ação coletiva da Arara Rotativa, criada e aplicada nos IFSC, Jaraguá do Sul - Centro e Rau, teve como base a necessidade de rever o ciclo de vida dos produtos em geral, repensar toda a sua cadeia construtiva e onde os resíduos estão sendo despejados. Com isso, essa ação tem como intuito fazer as pessoas repensarem o uso de tais peças, colocando as que não são mais utilizadas em espaços apropriados, tendo como principal objetivo a sua utilização por outro usuário. (IFSC)

adquirir peças com maior qualidade do que conseguiriam normalmente em algum outro lugar. (MARTINS; VALENTIM, 2021)

Podemos citar, adentrando ainda mais na história, que, de acordo com Damme e Vermoesen (2009) *apud* Martins e Valentim (p. 3, 2021), as roupas já eram um dos itens mais procurados em leilões desde o século XVIII. Além disso, durante a renascença, registros indicam as roupas como um dos objetos mais penhorados.

Sendo assim, a circulação de peças de roupa já era uma prática habitual desses períodos, tanto no que se refere ao comércio quanto ao que se refere à passagem de bens entre membros da família, ou então para amigos, inclusive, como citam Martins e Valentim (p. 3, 2021). Somando-se o fato de que as famílias eram maiores nesses períodos, pode-se reforçar que trocas, reparos e o reaproveitamento eram práticas comuns, cultivando a ideia do não desperdício e o cuidado com as peças de vestuário, principalmente ao se tratar de pessoas com menor poder aquisitivo, mas além disso, essa prática também está ligada com uma forma de enxergar o mundo que valoriza a durabilidade. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

Já tratando-se do Brasil, estima-se que o surgimento desse mercado tenha se dado durante o final do século XIX, quando um comerciante português abriu uma loja de artigos de segunda mão no Rio de Janeiro, incluindo peças de vestuário. O nome desse comerciante era “Belchior”, e, a partir dessa informação, acredita-se que o termo “brechó” tenha sido originado do nome desse comerciante. (BALOG, 2022) (BÔAS; LEMES, 2012)

Vale ressaltar que na Europa os brechós, ou comumente chamados “*Vintage Clothings Store*”, consistem em lojas especializadas exclusivamente em roupas de época, ao contrário das “*Second Hand Store*”, que vendem roupas de segunda mão de maneira geral, sem a especificação por época. No Brasil essa distinção não é bem clara, visto que é muito recente a ideia de brechó como uma loja de roupas antigas, com história. (RICARDO, 2008, p. 3, *apud* BALOG, 2022)

Apesar de existirem diferentes focos dentro do ramo do comércio de roupas de segunda mão, que variam desde seu principal intuito até o seu público-alvo, têm-se que, no Brasil, os brechós foram destinados já de início à pessoas com baixa ou nenhuma capacidade financeira, sendo mais comumente denominados de bazares, de caráter beneficente em sua maioria. Desse contexto surgiram alguns dos principais

estigmas que circulam socialmente sobre os brechós até os dias atuais, como por exemplo a proposição de que as peças vendidas em brechós são todas sujas, ou o medo de adquirir doenças por meio das mesmas, além de energias negativas que podem estar relacionadas com o usuário anterior, dentre outros. (RAMM; MORAIS, 2021) (BALOG, 2022)

Uma frase que aborda um pouco dessa visão que se construiu sobre os brechós é a deste trecho do conto “Ideias de Canário”, do escritor Machado de Assis:

[...] sucedeu que um títburi à disparada, quase me atirou ao chão. Escapei saltando para dentro de uma loja de Belchior[...]. A loja era escura, atulhada das cousas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas que de ordinário se acham em tais casas, tudo naquela meia desordem própria do negócio.[...] (ASSIS, 2012, *apud* BÔAS; LEMES, 2012).

Mas a partir da década de 70 esse cenário modifica-se um pouco, a partir do surgimento da moda dos brechós, caracterizando uma geração que começava a se opor ao sistema de consumo vigente. Sendo assim, vestir-se de roupas usadas representava um manifesto de contracultura, o que pode ser denominado como “antimoda”, já que os brechós são locais onde as mudanças da moda não são sentidas, onde pode-se encontrar peças que trazem características de épocas passadas carregadas de significado. (BÔAS; LEMES, 2012)

De acordo com Ramm e Moraes (2021), os atuais empreendedores do ramo dos brechós tem investido mais na boa apresentação do ambiente e das peças, com destaque para os processos de curadoria que envolvem desde o garimpo até a higienização, o que vêm atraindo um público maior para esse mercado. Além disso, o comércio de roupas usadas atualmente também se estende ao comércio virtual, diversificando o seu público consumidor e garantindo uma maior visibilidade. Em sequência, a contemporaneidade dos brechós será melhor explorada.

7.2 OS BRECHÓS NA ATUALIDADE

É perceptível que o padrão capitalista contemporâneo reflete diretamente nos hábitos de consumo da sociedade, principalmente quando se diz respeito à moda. Dessa forma, a partir da década de 60 percebe-se que as indústrias têxteis e suas produções de grande escala impactaram de forma negativa a natureza, e assim, veio

a necessidade de explorar novas alternativas. Com isso, a temática relacionada à sustentabilidade permeia as empresas e seus consumidores, despertando no ramo da moda novas sugestões que levam em conta a sustentabilidade no cotidiano. (MARTINS, VALENTIM)

Desse modo, manifesta-se novas práticas de consumo visando novos valores e ressignificando a maneira que as pessoas se relacionam com o mercado, uma vez que a discussão a respeito da sustentabilidade é levantada ela resulta em novas tendências de consumo e em meio a isso surge a possibilidade de ascensão do comércio de brechós, trazendo a comercialização de roupas de segunda mão como uma alternativa sustentável de consumo. (MARTINS, VALENTIM, p.2)

Como citado por Martins e Valentim, os brechós se tornaram uma ótima solução para um ciclo sustentável no ramo da moda, e criou uma grande visibilidade nos últimos anos graças a um processo de ressignificação, onde agora as roupas de segunda mão são vistas com um olhar mais positivo e firme, contando com custo de aquisição baixo, uma forma dos consumidores participarem de um ciclo sustentável, e além de que as novas tendências são bastante compatíveis com as roupas vendidas em brechós, criando estilos individuais e criativos. Um fator que faz com que uma peça se torne ainda mais única é o processo de customização, onde a determinada modificação pode ocorrer através de recortes, costuras, tingimentos e diversas aplicações, distanciando o indivíduo da imagem original de tal roupa, se tornando de fato, na maioria das vezes, um processo divertido e artístico ao transformar uma peça em seus próprios estilo. Considera também um motivo específico da ascensão dos brechós, a moda vintage, essa que é a utilização de roupas que fazem parte de tendências das décadas passadas de alta qualidade, moda essa que cresceu muito nos últimos anos, e teve muitos indivíduos que vieram a segui-la firmemente. Os brechós então contribuíram muito para se encontrar roupas que se enquadram nessa moda, visto que as roupas de segunda mão variam os seus anos de fabricação. (MARTINS, VALENTIM) (BITTENCOURT, 2013) (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

[...]Seguindo o entendimento de que o consumo de roupas usadas aumentou nos últimos anos, devido a ressignificação aparente do consumo em brechós, considerando a sustentabilidade além do preço baixo. Sendo que, a ressignificação também é visível pela modificação dos espaços onde são vendidos esses itens. (MARTINS, VALENTIM, p.12)

Outro aspecto a ser avaliado para o reconhecimento dos brechós na atualidade, seria como eles se comportam. Quando se está pensando no termo “brechó”, provavelmente irá surgir em mente um local confuso e com amontoados de roupas, dando um aspecto negativo ao termo. Porém, na atualidade muitos brechós estão procurando deixar seus espaços mais aconchegantes e com um aspecto mais receptivo. Essa mudança de espaço fez com que as pessoas também os enxergassem com olhos diferentes, fazendo muitos gostarem da ideia de comprar roupas de segunda mão. (BITTENCOURT, 2013)

São muitos fatores então que fazem com que ocorra o processo de ressignificação do conceito de brechó, fatores esses que fazem com que o consumo de roupas de segunda mão aumentem, e são muitos outros aspectos que ocorrem para que as pessoas busquem os brechós na atualidade, e como cita Bôas e Lemes (2012, p. 16) “O consumo de roupas de brechó é cada vez maior entre os jovens que estão à procura de moda acessível, identidade e de consumo conscientemente ecológico [...]”. A ascensão dos brechós na atualidade então, se dá principalmente pela busca de uma identidade individual, ou seja, de poder vestir peças de vestuário que tenham apenas uma personalidade, o qual pode ser alcançado através do consumo de roupas vintage. Assim, além das roupas de segunda mão proporcionarem ao indivíduo a própria personalidade em seu estilo, os brechós também proporcionam um consumo consciente e com um preço, na maioria das vezes, acessível. (BÔAS, LEMES, 2012)

Através da pesquisa da Galdioli (2019) e da pesquisa de Martins (2019) é possível perceber quais aspectos fazem com que as pessoas frequentem os brechós: a oportunidade de oferecer peças exclusivas; fazer com que no guarda-roupa fique somente o essencial, se utilizando de trocas ou vendas de produtos têxteis que não fazem mais parte da realidade daquela pessoa, mas continuam em bom estado; desacelerar o processo de fabricação de roupas novas, já que agora se compra as roupas de segunda mão, estendendo o seu ciclo de vida; contribuição ambiental, onde a peça que seria dada um fim, agora passa mais uma vez no ciclo de utilização; customização das peças compradas em brechós, dando um aspecto mais pessoal e sentimental a peça; oportunidade de comprar peças de luxo por um preço mais

acessível. Com isso, é perceptível que os brechós deixaram para trás o estigma de baixo valor agregado, e ascendeu novos olhares para as roupas de segunda mão.

7.3 DIFERENÇA ENTRE BRECHÓ E BAZAR

Quando falamos sobre o consumo de roupas de segunda mão, existem dois locais onde podemos encontrar elas, em brechós e bazares, mas qual a diferença entre esses dois comércios? Brechó e bazar não são a mesma coisa e onde podemos perceber mais nitidamente a diferença entre eles, são nos valores dos produtos encontrados em cada um. O bazar tem como foco a venda de roupas vindas de doação para fins beneficentes onde em sua grande maioria, as pessoas que trabalham no local são voluntárias, nesses locais não há grande organização nem todas as peças de roupas estão em boas condições e todas as vendas feita por um bazar são destinadas a fins beneficentes propostos pelo local.

Segundo Citera (2023), nos brechós as roupas são mais caras, por conta do espaço e diferentemente dos bazares, os funcionários e o local onde eles acontecem são totalmente pagos pelo brechó, como uma loja comum. No brechó há a escolha de peças em melhores condições, onde pessoas levam suas roupas usadas e vendem para o brechó. Normalmente é feita uma triagem onde se escolhe as peças que irá comprar do cliente para revender, depois fazem a limpeza das peças e pequenas reformas nos produtos comprados.

Para que o brechó tenha lucro, quando o produto é comprado, todas essas etapas influenciam de forma direta no valor final do produto, nos brechós os produtos costumam ser mais organizados, separados por cores e tamanhos diferentes. De acordo com Citera (2023) , hoje ambos são importantes para a utilização de uma moda sustentável, pelo fato de que são comercializados apenas roupas usadas e não é necessário a fabricação de novas peças. As roupas terem um valor mais acessível beneficia pessoas que não tem tantas condições de comprarem peças novas que acabam saindo mais caras.

7.3.1 .Tipos de brechós

De acordo com Legnaioli (2023), nessa grande rede de brechós, não existe apenas esse convencional que conhecemos no dia a dia, o brechó tem diferença de acordo com seu foco de venda, como por exemplo:

- Brechó vintage: onde tem como seu foco principal vender roupas com caimentos e estilos usados antigamente pela sociedade;
- Brechó label: que é um brechó para pessoas que querem comprar roupas de luxo, mais sofisticadas e caras;
- Brechó com roupas de segunda mão: é o tipo de brechó mais conhecido e mais comum entre as pessoas, onde o foco é pegar roupas usadas, arrumar e vender elas;
- O brechó online: é o local onde vende roupas pela internet e em sua grande maioria não tem uma loja física e pode ter mais variedades do que as lojas físicas;
- Brechó especializado, onde vende roupas de ocasiões específicas como venda de vestidos para formatura ou casamento;
- Brechó beneficente é um local onde não se busca fins lucrativos e toda roupa vendida o lucro vai totalmente à instituição escolhida;
- O brechó de troca, onde o cliente troca uma roupa de não deseja mais, por algo de sua escolha dentro do brechó.

7. 4 DIFERENÇA ENTRE TABUS E PRECONCEITOS

Para darmos continuidade ao tema, apresentamos, para o melhor entendimento do leitor, dois termos relacionados às objeções dos brechós. São eles: preconceito e tabu.

A palavra preconceito significa: “Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; ideia preconcebida” e “Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste”. Exemplo: “o preconceito racial é indigno do ser humano”. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2009, p. 1617)

Já a palavra tabu significa:

Em certos povos e sociedades, proibição ou restrição de natureza ritual e religiosa, que determina que certos objetos, indivíduos, lugares ou atos, por serem considerados sagrados ou esp. impuros e perigosos, sejam evitados, e que como instituição social ger. está associada a fortes sanções e à crença de que sua violação traz castigo sobrenatural. Proibição convencional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, temas, palavras, etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de violação e perseguição social.” Exemplo: “é uma pessoa cheia de tabus”, “assuntos tabu” “o incesto é um tabu em todas as sociedades”. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2009, p. 1905)

Ainda sobre preconceito, segundo Crochík (2006, p. 30) “é um fenômeno conhecido há muito tempo, embora o seu objeto e o seu conceito tenha variado historicamente”. Além do mais, fatores que levam o indivíduo a ser preconceituoso ou não estão diretamente ligados a seu processo de socialização, onde ele se forma e transforma como indivíduo. Esse processo de socialização deve ser entendido como fruto de sua história e cultura, ou seja, varia historicamente dentro da mesma cultura e em culturas diferentes. (CROCHÍK, 2006).

Além do mais, na área da psicologia há autores que exploram os conceitos de preconceito. Segundo Allport o preconceito:

É uma atitude hostil ou preventiva a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuídas a esse grupo. (ALLPORT 1954 *apud* MANUEL, SILVA, OLIVEIRA)

Além disso, Alport distingue pré-conceito de preconceito. Para ele, o primeiro se relaciona com um “pré-julgamento” de algum indivíduo e que se tiver mais conhecimento e aproximação dele, pode ser desfeito. Já o segundo condiz com “a imutável capacidade de externar pensamentos hostis em relação à diferença de outro indivíduo”, (ALLPORT 1954 *apud* MANUEL, SILVA, OLIVEIRA), ou seja, o constante atributo extremo de pensamentos adversos sobre as diferenças do outro.

Por outro lado, o tabu é como uma norma social que proíbe determinado comportamento, prática e objeto, que na maioria das vezes são práticas invioláveis e sagradas, por assim dizer. Muitas vezes são fundamentadas em valores culturais, religiosos e morais. Segundo Bodart (2015) o tabu “pode variar de cultura para cultura e de época para época, sendo que aquilo que é considerado tabu em uma sociedade pode não ser em outra.” Ele também pode servir-se de controle social que visa manter

a ordem da sociedade. Em alguns casos é utilizado o termo tabu para designar a “quebra” de uma regra, mas vale ressaltar que nem todas as regras são tabus. (BODART, 2015)

Em suma, a diferença entre preconceito e tabu é, portanto, que o preconceito define-se como um sentimento adversário, causado pela generalização apressurada de uma experiência própria do indivíduo, ou do meio que coexiste, é um julgamento ou opinião sobre algo sem ter um conhecimento prévio disto, sem levar em conta o que é verídico e o que pode ser afirmado. Já o tabu é a proibição de qualquer prática de atividade, uso de algo, temas, palavras e etc que sejam moralmente, culturalmente e religiosamente abomináveis, que por vezes são consideradas espiritualmente impuras e perigosas, fazendo que sejam evitadas.

Tais conceitos podem ser implicitamente encontrados nos tópicos adiante.

7.5 OBJEÇÕES RELACIONADAS À ROUPAS DE SEGUNDA MÃO

De fato, sabe-se que ao longo dos últimos anos o consumismo de peças de roupas aumentou significativamente, juntamente com diversos problemas socioambientais. Em um artigo escrito por, Cavas, Maciel e Vale (2016), há o questionamento relacionado às restrições que os consumidores possuem nas peças de segunda mão. Nota-se que boa parte dessas objeções se dão pelo desconhecimento da origem da peça de roupa. Fato que desperta nos entrevistados vários sentimentos em comum, a saber: medo da morte, medo das doenças, medo de energias negativas e restrições religiosas. Tais sentimentos são vistos como impedimentos para se comprar nos comércios que promovem a reutilização de peças de segunda mão. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

Vale ressaltar que de certa forma, muitos outros fatores também envolvem esses receios para com as peças usadas, sendo algo muito complexo a se investigar. Bem como questões financeiras, interesse por peças exclusivas e/ou que possuem uma qualidade por um valor aquisitivo baixo, podem ser uma espécie de negociação que faz com que essas restrições sejam prevalecidas de seus preconceitos e restrições para com elas. Enfatizamos o fato de que por meio das observações feitas pelos pesquisadores há grandes possibilidades de ter-se o aumento do número de

consumidores de peças de segunda mão, juntamente com a crescente influência digital, com a valorização de práticas de reutilização e eventuais crises econômicas no país, aumentando as taxas de vendas nesses tipos de comércios. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

Como metodologia, os pesquisadores Cavas, Maciel e Vale (2016), se utilizam de entrevistas individuais com a população da cidade de Juiz de Fora, do estado de Minas Gerais. Tal escolha da cidade se deu pela percepção de grandes números de estabelecimentos que comercializam peças de segunda mão e como seus proprietários queixam-se da resistência que a população têm sobre o adquirento destas peças usadas. As entrevistas foram feitas com donos dos comércios, compradores de roupas de segunda mão e não consumidores das mesmas. Após a conclusão delas, foram identificados esses fatores associados à restrição do uso das peças, e que conseqüentemente foram categorizadas e analisadas profundamente. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

Sendo assim, baseando-nos totalmente nas entrevistas realizadas e descritas neste artigo dos autores Cavas, Maciel e Vale (2016), tentaremos expor os alguns dos motivos, expostos pelos autores citados acima, que levam a população de Juiz de Fora a terem objeções relacionadas a roupas de segunda mão, e que podem ser eventualmente, em alguns aspectos, os mesmo dos estudantes do IFSC de Jaraguá do Sul, centro.

7.5.1 Morte

Uma das primeiras colocações que os entrevistados da pesquisa dos autores Cavas, Maciel e Vale, relataram é a questão da “morte”. Muitos afirmam que não compram roupas em brechós por temerem que sejam de uma pessoa falecida. Esse medo é originário da crença que, segundo o relato de uma outra entrevistada da pesquisa já citada e que foi realizada pelos autores Cavas, Marcial e Vale, o espírito da pessoa falecida voltaria à Terra para assombrar os vivos, pois foi atraído pela roupa que lhe pertencia. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

Entre a idade média e o século XVIII, no ocidente católico, havia uma predominância da relação de proximidade entre os vivos e os mortos, onde por

exemplo, os cemitérios serviam como um lugar para encontros, jogos, festas e etc. Todavia, com a modernização das cidades, gradativamente essa tradição cristã foi extinguindo-se, e os falecidos não eram mais enterrados em torno das igrejas. Esse ocorrido conjugou-se com as emersões de ideias iluministas, da racionalidade, laicidade e secularização cotidiana. Desse modo, o medo da morte começou a ser um sentimento frequente nas populações ocidentais, e constantemente reforçado pela crescente medicalização da morte. (ARIÈS, 1977 *apud* CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p. 40).

Ainda sobre os cemitérios, muitas pessoas costumam associar esses lugares a mal-estares e receios. Muitas pessoas ainda possuem o costume de, ao voltar de um cemitério, trocar de roupa. Também havia o hábito de velar o falecido dentro de casa, prática que nos dias atuais é muito incomum. Bem como morar ao lado de um cemitério é, para praticamente para todas as pessoas, inconveniente, pois a morte no pensamento atual é associada a assombrações, energias negativas, alma penada e etc. Logo, eis uma breve explicação de como a roupa de um falecido nos remete a fragilidade humana. Por consequência, essa percepção de roupas usadas por pessoas que faleceram, se relaciona com a ideia da degenerescência do nosso corpo físico, e a passagem de vida. (ARIÈS, 1977 *apud* CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p. 40)

Portanto, há também os que atribuem um valor afetivo na peça de algum ente querido falecido, servindo como uma espécie de homenagem póstuma. “Quando uma pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente” (STALLYBRASS, 2012 *apud* CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p. 40). Mas também há os que não usariam roupas de familiares falecidos, por trazerem uma lembrança da pessoa, emergindo sentimentos de tristeza e sofrimento, como o relato de Cláudia, uma entrevistada do artigo citado anteriormente: “Seria mexer numa casca de ferida, que por mais cuidado e tratamento, nunca teria cicatrização completa. Melhor imobilizar o ferimento, para que não corra o risco de contaminar outras partes que já estariam com a dor estancada”. E outros que, ao contrário, não teriam as roupas, mas alguns objetos, fazendo com que a memória do falecido se torne mais viva, como no relato de um outro entrevistado do referido artigo:

Sílvio (ncomp.), por exemplo, revela ter conservado para si um quadro e um relógio de parede que haviam pertencido ao seu genitor. Segundo ele, a

memória de seu pai se torna mais viva com a presença de tal objeto.(CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p. 41)

Em suma, conforme os relatos das entrevistas relatadas por Cavas, Maciel e Vale, nota-se que em todas as narrações a respeito do medo da roupa ser de um indivíduo falecido, não há uma explicação exata e clara sobre esse assunto, e que muitas vezes surge apenas de uma espécie de medo do sobrenatural. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

Sendo assim, como podemos observar nos relatos dos entrevistados da pesquisa de Cavas, Maciel e Vale (2016) um dos motivos que os impedem de comprar peças de brechós, é o medo dela ser de um falecido e assim provocar acontecimentos sobrenaturais, e além disso, transmitir doenças que aquele falecido continha, assunto esse que será abordado com mais detalhes no próximo tópico.

7.5.2 Doença

Outra categoria de impedimento que induz os entrevistados a não comprarem roupas de brechós são as doenças. Dois deles relataram não usar peças de segunda mão pois temiam que essas roupas poderiam ter sido pertencidas a pessoas contagiadas com HIV ou tuberculose. Vale ressaltar que os pesquisadores Cavas, Maciel e Vale notaram que as questões referidas a esse assunto apresentam falhas de argumento, na ignorância de como uma doença pode ser transmitida. Um exemplo é o trecho da fala de uma entrevistada do referido artigo em que dizia “Compraria sapato, mas depende do sapato. Um sapato fechado, um tênis, uma bota, eu acho que não é legal, não. Pé... Fico com medo de pegar alguma coisa, uma micose [...]”. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p. 42)

Ademais, percebe-se que ainda se tem uma cultura em que roupas de brechós e bazares são uma fonte de doença. Pode-se relacionar esses acontecimentos com três interpretações antigas em que tentavam explicar a origem de doenças. A primeira delas é conhecida como Demoníaca, que atribuía doenças aos maus espíritos, e ela perdurou por milhares de anos. Certamente, para controlá-las as pessoas da época se utilizavam dos recursos como as orações e exortações, já as roupas destes indivíduos que morreram da doença, eram destinadas às latas de lixo. Embora a ideia seja muito antiga, vemos resquícios delas ainda hoje, um exemplo se dá na fala

de uma das entrevistadas do referido artigo, em que relata que conhece pessoas que não doam as roupas de seus falecidos, mas sim a jogam fora. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

A segunda teoria em que as roupas são fontes de doenças é a Teoria Divina. Nela basicamente se consiste a ideia de que as doenças são oriundas de castigos divinos pelas más ações do ser humano.

E a terceira chama-se de Teoria Astro-Miasmática, em que consistia na ideia que as doenças eram oriundas de manges e lixões. Assim, acreditava-se que as pessoas que moravam próximas a esses locais eram infectadas pelas doenças que os gases desses locais geravam. Logo, para se conter as epidemias na época, a solução era acender fogueiras ou lançar tiros de canhões para purificar o ar (um exemplo é o nome da doença Malária, que significa “mau ar”). Essa ideia acabou sendo refutada por Pasteur no final do século XIX, embora que ainda a vemos, mesmo que indiretamente, nos dias atuais como nas práticas de queimar lixo (recomendada pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente -CONAMA) para evitar que há a contaminação e disseminação de doenças infecciosas, bem como nos explica Cavas, Maciel e Vale (2016 p. 43) “Há no imaginário popular a associação entre roupas usadas e lixo, tanto que muitas pessoas ainda praticam a queima de roupas de entes já falecidos, especialmente se o morto apresentava alguma doença infectocontagiosa”.

Da mesma forma, podemos citar uma das entrevistadas do referido artigo, que relatou não usar roupa de segunda mão por ter medo de contrair tuberculose. Mas sabe-se que cientificamente através das roupas, a tuberculose especificamente não é transmitida, mas sim através do ar. Vale ressaltar que, segundo Cavas, Maciel e Vale (2016 p. 43):

Não se pode, todavia, desconsiderar que as roupas podem transmitir determinadas enfermidades. Particularmente, as roupas usadas, quando não há uma higienização adequada, podem transmitir desde ácaros, piolhos e sarna (vetores de transmissão de doenças) até patologias como gonorreia (ROUPAS, 2014). O curioso, entretanto, é que as roupas usadas são geralmente as únicas associadas às afecções, pois o cheiro impregnado do novo, dentre outros aspectos, nas roupas ainda virgens (apesar de poderem ter sido experimentadas por várias pessoas, inclusive doentes) faz com que as doenças desapareçam de nosso imaginário. (CAVAS, MACIEL E VALE, 2016 p. 43)

Logo, não podemos esquecer o fato de que as roupas novas também podem ser geradoras de doenças, isso por conta de toda a química empregada através da fabricação da peça e pelos materiais sintéticos que são utilizados, um exemplo é o formaldeído (goma usada nas roupas), que pode causar problemas de pele, desde eczemas até urticária de contato. Desse modo, a preocupação com a higienização das roupas novas não é tão grande quanto a de roupas usadas. Também é interessante notar como a água possui um efeito higienizador, e ao mesmo tempo como elemento purificador, pois para muitos se tem a ideia da água como um recurso capaz de tirar a “sujeira espiritual” das peças de roupas. (DIAS 2014 *apud* CAVAS, MACIEL, VALE 2016 p. 44).

Não somente a água tem esse simbolismo purificador, mas também o sal grosso, que geralmente é usado nas roupas usadas. Este elemento, segundo alguns entrevistados, é utilizado nas peças que lhe são consideradas “pesadas”. Tal como é relatado no trecho a seguir:

A purificação que as pessoas buscam conseguir através do sal grosso é, segundo afirmam os entrevistados, a dissipação das energias negativas encontradas nas roupas usadas. Há uma fala interessante de José (comp.) segundo a qual não haveria problema algum em usar roupa usada, mesmo que se tratasse de roupa de alguém falecido. Entretanto, ele revela que já se pegou utilizando sal grosso em uma roupa usada que, segundo ele, possuía uma energia que o incomodava. Cecília (dn.) disse sentir o “peso” que algumas peças carregam e que, por isso, procura o quanto antes, mesmo depois dos rituais de purificação com o sal, se desfazer dessas peças rapidamente. Revela, inclusive, que já vendeu algumas peças por praticamente o mesmo valor pelo qual as adquiriu, devido à energia que elas possuíam. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p.45)

Em suma, o receio das doenças contidas nas peças de segunda mão é diretamente relacionado com outro medo que é relatado na pesquisa de Cavas, Maciel e Vale (2016), em que as roupas podem conter energias do usuário anterior, passando os sentimentos, questões de caráter e entre outras características do antigo usuário, para pessoa que comprou essa peça. Tais sentimentos serão abordados com mais detalhes no tópico a seguir.

7.5.3 Energia

A terceira categoria selecionada pelos pesquisadores Cavas, Maciel e Vale é a questão da energia. Geralmente em todos os tópicos em que é abordada essa questão, são relacionados com a peça de roupa de um falecido. Portanto, no artigo citado, para uma das entrevistadas, isso é algo que não está relacionado apenas com os mortos, mas também com os vivos. Já um outro entrevistado menciona a curiosa fala de que ele não vê problemas em usar a roupa de alguém que é falecido, mas se utilizou do sal grosso para tirar a energia que incomodava-o ao usar a peça. Este mesmo relata:

Tudo tem uma energia, tem uma força, um pensamento. A pessoa às vezes morreu e não desapegou da roupa. Cada um tem seu ritual. No meu caso, eu lavo, depois passo anil, lavo no manjeriço branco, uso sabão da Costa. Tudo isso pra tirar o negativo e positivar a roupa. A roupa nova, não, mas a usada. A gente não sabe quem usou, o que foi feito. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p. 46)

Interessante notar como uma dona de brechó, que foi entrevistada no referido artigo, revela-nos que já vendeu peças pelo mesmo valor que as adquiriu por justamente ter uma energia que a incomodava. Esta mesma diz que sente o “peso” que algumas roupas possuem, por isso, faz as peças passarem por rituais com o sal grosso e assim se desfaz o quanto antes delas. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

À vista disso, nota-se que essas supostas energias são relatadas de diferentes maneiras. Para alguns destes, ela está associada com os sentimentos do antigo dono da peça de roupa (raiva, tristeza, mágoas, caráter etc). Vale ressaltar que essa energia é retratada como negativa, mas há apenas um caso relatado no artigo em que a entrevistada vê essa questão com outros olhos, em uma energia que fosse positiva, conforme o trecho:

Somente Gabi (comp.) mencionou a possibilidade de a roupa usada transmitir energia positiva, ao relatar a aquisição que fizera, em uma exposição, de um vestido que pertencera a Elba Ramalho, cantora por quem tinha uma particular admiração.” (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016 p. 46)

Essas questões de energias também podem ter diferentes relações e compreensões através de um ponto de vista conexo à religião. Conforme uma entrevistada do referido artigo, “a roupa é apenas uma veste para a proteção do corpo físico” e que se uma energia ruim existe na roupa, ela seria neutralizada pelo

equilíbrio psíquico do usuário. Para uma outra entrevistada vemos a religião com uma semelhante finalidade, em que afirma que ela serviria como uma espécie de escudo, pois o mal poderia utilizar-se através dessa peça para atacá-la. (CAVAS; MACIEL; VALE, 2016)

Sendo assim concluímos que, tais sentimentos de energias contidas nas peças podem, em alguns casos, ser um possível impedimento para que não haja a procura de roupas de segunda mão, mas não que seja um empecilho para tal, pois existem práticas que, conforme os entrevistados da referida pesquisa relataram, possibilitam a retirada delas e assim a usá-las normalmente.

7.6 IMPACTOS DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO ALIADA À ANTROPOLOGIA DO CONSUMO CONTEMPORÂNEO

Os itens têxteis fazem parte da vida do indivíduo contemporâneo, trazendo proteção, conforto, inclusive atuando como uma forma importante de se expressar a individualidade, já que, atualmente, o modo como as pessoas se vestem pode revelar muito sobre suas identidades, o que querem deixar transparecer ao mundo. Além disso, a indústria da moda movimenta cerca de 3 trilhões de dólares por ano, sendo um setor de grande relevância na economia mundial. (SANTOS; SIGRIST, 2020)

Tendo como base que essa é uma indústria tão lucrativa e que possui diversos papéis fundamentais na sociedade atual, é sugestivo pensar que todo o processo de produção desses bens traz impactos expressivos para o planeta. (SANTOS; SIGRIST, 2020)

Santos e Sigrist (2020) consideram uma demanda cada vez maior por novas tendências no ramo do vestuário, sendo perceptível o aumento desenfreado da produção caracterizado pelo *fast fashion*, para alinhar-se aos interesses dos consumidores. Essa produção em massa acarreta muitos desequilíbrios ambientais por meio da exploração irresponsável dos recursos naturais dos ecossistemas terrestres, como por exemplo o uso do petróleo, recurso não renovável, para a confecção de materiais têxteis. O alto gasto de água na produção têxtil, que consome 93 bilhões de metros cúbicos de água por ano, representa 4% da água doce disponível no planeta. Uma calça jeans chega a consumir 11.000 litros de água limpa

em sua fabricação, o que, de acordo com Santos e Sigrist (2020), daria para sustentar uma família de 4 pessoas por quase 20 dias.

Há pouco tempo atrás, grandes marcas tinham o costume de produzir apenas uma coleção por estação. Hoje, isso mudou drasticamente devido à fast fashion que abastece as grandes lojas. De acordo com Santos e Sigrist (p. 81, 2020), “São produzidas por volta de 52 coleções anuais, uma por semana, ou até mais [...] Todo esse trabalho resulta em mais de 80 bilhões de peças de vestuário despejadas no mercado anualmente.” É citado pelos mesmos autores que houve um aumento de 400% no consumo de roupas desde o início do século, porém, isso não fez com que elas fossem utilizadas por um período maior de tempo.

Segundo dados do relatório da Ellen MacArthur Foundation (2017), mais da metade da “moda rápida” produzida no mundo é descartada em menos de um ano. Na China, por exemplo, o tempo de utilização do vestuário caiu 70% nos últimos 15 anos, e 60% das pessoas afirmam ter mais roupas do que precisam, o mesmo resultado visto na Alemanha. Calcula-se que, a cada ano, US\$ 460 bilhões são jogados fora em roupas que ainda poderiam ser utilizadas. (SANTOS; SIGRIST, p. 81, 2020)

O comportamento do consumidor contemporâneo é sem dúvida um fator dos que mais influenciam diretamente no modo como se tem as produções em massa articuladas atualmente, incluindo também as produções vestuaristas, visto que, de acordo com a obra de Baudrillard “A sociedade do consumo” (*apud* BITTENCOURT, p. 23, 2013). Vivemos em um mundo abundante em bens e serviços, e para que se sustente o consumo dessa gama de itens, cria-se obsolescência planejada, a qual acelera o tempo de vida útil dos produtos, tornando-os descartáveis em curtos períodos de tempo, em razão da necessidade do consumo de novidades, gerada muitas vezes pelo excesso de informação ao qual a sociedade contemporânea está exposta. Esse mecanismo que ocorre nos dias atuais é também nomeado de lógica do efêmero, ou seja, lógica do passageiro, temporário, não durável. (BITTENCOURT, 2013)

Vê-se aí uma diminuição do sujeito a um consumidor que está disposto a não medir esforços no que se trata de satisfazer suas necessidades físicas e emocionais, relacionando o consumo ao prazer e a felicidade, sem estimular-se a perceber as consequências negativas que um sistema de produção em massa pode acarretar. (BITTENCOURT, 2013)

Essa falta de sensibilidade dos consumidores contemporâneos com relação aos impactos socioambientais do sistema de produção capitalista atual também pode levar a descartes inadequados de produtos, incluindo produtos de vestuário, que ainda poderiam ser utilizados. Como apontam Fletcher e Grose (2011, *apud* RAMM; MORAIS, p. 92, 2021), na Inglaterra, e também em grande parte do ocidente, “o descarte de mais da metade (quase três quartos) dos têxteis produzidos, e que ainda estão em plenas condições de uso, é feito em cestos de lixo e, conseqüentemente, levado a aterros sanitários”. O mesmo relatório também traz que mais da metade das peças produzidas e vendidas pelo *fast fashion* são descartadas no primeiro ano após a compra, e que uma em cada duas pessoas realiza o descarte no lixo. (BITTENCOURT, 2013) (RAMM; MORAIS, 2021)

Portanto, com base nos últimos parágrafos e de acordo com Santos e Sigrist (2020), mesmo que se leve em consideração a ascensão das discussões sobre sustentabilidade atualmente, ainda percebe-se a necessidade de uma mudança radical ao tratar-se das concepções das pessoas com relação aos possíveis destinos de peças de vestuário ainda em condições de uso, alinhando-se aos princípios da economia/moda circular e logo, da reutilização das peças, como uma conduta que contribua para a diminuição dos impactos socioambientais da indústria da moda.

7.7 SUSTENTABILIDADE NA MODA

Levando em consideração o surgimento da moda no início do século XV, é perceptível que a mesma passou por diversas etapas, principalmente quando se é visto o fato de que a sociedade vive em constante mudança, e a moda precisa se adequar a essas mudanças para que a mesma se encaixe aos ideais do consumidor. Dessa forma, a sustentabilidade está inserida no vestuário muito recentemente, onde a sua primeira aparição se encontra na década de 60, momento esse que surge as preocupações em relação aos impactos concebidos a partir da indústria têxtil no meio ambiente. Em meios de comunicação, temos a primeira aparição do tema “verde” em a 2006, onde revistas como Vanity, Fair, Elle, Vogue e Eve executaram matérias que deram ênfase em tais temas que haviam laços com a sustentabilidade na moda. (GONTIJO, NISHIMURA; 2017) (CINDY, 2023)

Na atualidade, temos muitos meios que caminham para a sustentabilidade, visto que a indústria têxtil vem aumentando cada vez mais, preocupando não só os especialistas, mas também aqueles que reparam em como nosso planeta caminha para o futuro. Dessa forma, é preciso pensar em relação à sustentabilidade na indústria têxtil e ao consumo de vestuário. (GONTIJO, NISHIMURA; 2017)

Eco fashion, ou mais conhecida como moda sustentável, diz respeito a um estudo e desenvolvimento que irá atender as necessidades do presente, porém, tem como objetivo não comprometer a opção de que as gerações futuras atendam às suas próprias necessidades. Ou seja, a moda sustentável é uma forma de fazer com que todos os processos que uma indústria têxtil participa tenha menos impactos negativos na natureza. Um exemplo é a confecção de roupas a partir de materiais ecológicos, como ocorre na empresa “*O Casulo Feliz*” no Paraná, a qual produz tecidos de seda levando em consideração o ciclo de produção, visando uma perspectiva sustentável. Assim, há outras formas de repensar todo o processo produtivo dentro das indústrias, visando meios menos impactantes ao meio ambiente. (BEDUSCHI, PUPPIM; 2018) (SCHULTE; 2008)

A preocupação com o meio ambiente vem se estendendo cada vez mais a nossa realidade, se tornando uma chamada tendência, dando então, visibilidade a alguns movimentos, como cita Nishimura e Gontijo (2017, p. 114)

[...] movimentos surgiram para questionar a atuação de empresas em relação ao meio ambiente e à sociedade, além de propor novos pensamentos, conceitos e métodos acerca do vestuário, e ser agentes de mudança em um período instável que necessita de novas perspectivas.

Segundo Gontijo e Nishimura (2017) e Cindy (2023), é perceptível a multiplicação de tais conceitos na área do vestuário que efetua uma súplica ao movimento sustentável, mas que continue respeitando a demanda dos consumidores e fazendo com que as indústrias não percam clientes ao aderir ao novo conceito. Alguns dos movimentos que se pode citar são a moda circular e o Slow Fashion.

7.7.1 Moda Linear e Moda Circular

A maior parte da indústria da moda se desenvolve através de um modelo de economia linear, que como já se pode identificar, é um modelo o qual não leva em consideração a preservação da natureza. Isso porque a economia linear se utiliza de recursos não renováveis que são extraídos da natureza para cumprir o objetivo de produzir, em grande escala, roupas que serão descartadas, na maioria das vezes em aterros ou incineradores, após um curto período de tempo. Dessa forma, a indústria têxtil se torna a segunda maior poluente, perdendo apenas para a indústria de petróleo. (OLIVEIRA, 2020)

Visto que a economia linear se torna preocupante em relação a preservação do meio ambiente, é preciso que se olhe para além da economia tradicional, assim, podemos perceber que existe a economia circular, método esse que irá diminuir os impactos gerados pela produção em grande escala da indústria têxtil. (OLIVEIRA, 2020)

A moda circular é um movimento recente no vestuário, mas vem sendo muito aceito, onde tanto os consumidores como as indústrias têxteis enxergam a moda circular como uma secção ao que diz respeito à sustentabilidade. A moda circular então é inspirada em conceitos prévios de economia circular, que diz respeito a um modelo econômico que utiliza sistemas de negócio que trocam a ideia de fim de vida útil de um produto pela reutilização e reciclagem de materiais do mesmo. (FERNANDES et al., 2022)

Dessa forma, a moda circular por sua vez pode ser definida como a reutilização de tecidos e roupas, ou seja, está entrelaçado no sentido de reutilizar as sobras, evitando o desperdício. Ela propõe também que as sobras de uma determinada produção sejam manuseadas como insumos para uma outra produção, evitando que as peças sejam descartadas de forma desnecessária. (FERNANDES et al., 2022) (CINDY, 2023)

Neste sentido a moda circular busca suprir a necessidade das pessoas em roupas, sapatos, bolsas e outros acessórios usados e preços mais baixos e assim, ao invés de serem descartados, evitando a poluição do ambiente com matérias de difícil decomposição. A moda circular promove um uso mais inteligente de recursos, como a água e a energia elétrica, além de reduzir o desperdício e incentivar o reaproveitamento de tecidos e insumos. (SEBRAE, 2022 apud FERNANDES, NASCIMENTO, NETO, 2022, p.6).

Dentro da moda circular, temos como uma alternativa os brechós, essa qual, diferente de outros métodos dentro do ciclo de sustentabilidade da moda, os brechós irão se utilizar novamente da roupa em seus últimos estágios, o consumo, ou seja, uma determinada peça não irá passar por todas as etapas comuns da moda circular, mas sim a etapa que se dirige ao consumidor. Como afirma Fernandes *et al.* (2022) “Através da conscientização do consumidor, a moda circular pode fazer parte do estilo de vida das pessoas, até mesmo das pessoas que apresentam justificativas equivocadas para não adotarem o modelo de consumo proposto pelos brechós”. Quando ocorre a conscientização correta sobre a moda circular, os brechós podem se tornar uma solução para evitar esses desperdícios, e assim, reduzir a poluição que é despejada ao meio ambiente de forma ativa. (FERNANDES *et al.*, 2022)

A moda circular tem como objetivo a otimização de materiais, ampliando a vida útil daqueles produtos que para muitas pessoas o descarte é a única solução, diminuindo a utilização de recursos não renováveis, optando por sua vez a utilização de recursos naturais, ajudando assim o meio ambiente. (FERNANDES *et al.*, 2022) (MEDEIROS, 2023)

De acordo com Avila *et al.* (2018) a principal diferença predominante em relação ao modelo da economia linear, que consiste no esgotamento de recursos não renováveis e a devastação dos ecossistemas para fins lucrativos e a movimentação da indústria têxtil, para a economia circular, que diz respeito a reutilização de tecidos e roupas fazendo com que o ciclo de exploração ocorra de forma menos frequente, consiste em que a última citada torna o uso dos recursos mais eficiente e racional.

7.7.2 A ascensão do Slow Fashion

A maior parte da indústria da moda hoje, em um mundo globalizado e fruto de grandes revoluções industriais, se expressa através do *fast fashion*, que consiste em uma produção rápida, compacta e contínua de produtos do vestuário em um curto período de tempo que rompe com as vendas sazonais. Este surgiu a partir da empresa espanhola Zara, que lança novas linhas duas vezes por semana em suas lojas. O *fast fashion* ganha espaço a partir dos anos 60, onde os nichos de mercado se tornam cada vez mais segmentados e complexos, se tornando mais disseminada

dos anos 80 em diante, a partir dos grandes avanços tecnológicos nos meios de comunicação e produção, o que gerou um grande aumento na demanda do mercado do vestuário, além da busca cada vez maior por produtos individuais e exclusivos, resultado dessa globalização repentina. (COUTINHO; KAULING, 2020) (DELGADO, 2008)

O mercado, logo, é saturado de opções de compras para os consumidores, que se veem cada vez mais estimulados a buscarem novas experiências e desejos, em decorrência da velocidade que as tendências passam a existir ou extinguir-se. Por conseguinte, o consumidor é conduzido ao consumo desenfreado, no qual se compra mais do que se necessita, gerando assim o desperdício excessivo. (FERRONATO; FRANZATO, 2015, p. 110)

Quando deu-se início às grandes produções em massa, como apontam Coutinho e Kauling (2020), “a natureza era considerada apenas mais uma fonte a ser explorada, já que o homem era o grande dominador, e as consequências disso ainda não tinham relevância.” Além disso, o *fast fashion* é bastante convidativo devido ao seu alto custo benefício, tanto para o produtor quanto para o consumidor, criando novas tendências da maneira mais rápida e com o menor custo possível, fazendo com que as grandes indústrias do ramo não se preocupem com os efeitos desse modo de produção, seja devido à quantidade de água utilizada, devido à energia de fontes não renováveis, emissões de gases poluentes, às matérias primas nocivas aos ecossistemas, ou outros fatores que podem vir a ser o caso de algumas indústrias. Segundo McFall-Johnsen (2019, *apud* TAVARES, 2022, p. 79) “a indústria *fast fashion* tem um impacto ambiental maior do que a aviação e o transporte marítimo juntos”, dado que não é de conhecimento comum. (COUTINHO; KAULING, 2020) (TAVARES, 2022)

Tendo em vista esse cenário nada agradável ao meio ambiente, o movimento *slow fashion* surge com o intuito de desacelerar os impactos negativos gerados pela indústria do *fast fashion*, conscientizando sobre uma nova forma de consumir moda, questionando sobre o processo de produção, as origens dos materiais e as questões socioambientais envolvidas, visto que o termo “*slow*” pode ser definido como o movimento de consumir não só por consumir, mas sim consumir valorizando o produto como um todo, criando uma certa relação de afeto, além de caracterizar um

desapego às tendências globais. (COUTINHO; KAULING, 2020) (CAMARGO; MARTELI; et al., 2018)

O *slow fashion* também é considerado uma derivação do movimento *slow food*, primeiro movimento a aderir o termo “*slow*”, que aconteceu em 1986 na Itália, e que buscava enaltecer o produtor local e conscientizar o consumidor sobre a valorização da cultura e da produção regional de maneira geral. (CAMARGO; MARTELI; et al., 2018)

Sendo assim, o *slow fashion* busca apresentar alternativas que viabilizem a produção de peças que persistam por mais de uma coleção, unindo durabilidade, qualidade, e sustentabilidade, preocupando-se com toda a cadeia produtiva dos produtos, incentivando a utilização de fontes de energias renováveis e a valorização dos profissionais envolvidos. Por exemplo, além de ajudar a fortalecer a cultura, o comércio e a economia local, visando é claro, às reformas na indústria do vestuário com os lucros mais intactos possíveis. Vale ressaltar que, uma boa utilização dos ideais do *slow fashion* buscam, além de produzir produtos de uma maneira mais sustentável, torná-los mais acessíveis à população em geral, e conscientizar o consumidor sobre a necessidade de uma ressignificação nos hábitos de consumo. (TAVARES, 2022) (CAMARGO; MARTELI; et al., 2018) (COUTINHO; KAULING, 2020).

O princípio do *slow fashion* segundo Marchioro (2010, p. 136), é orientar o consumidor pelo “equilíbrio entre sua satisfação pessoal, a preservação do meio ambiente e o bem-estar social”. A desaceleração da moda traz uma conexão com quem a cria, valorizando o papel do designer na concepção do produto, enfatizando a vontade de produtos diferenciados, pensados nas reais necessidades dos consumidores, trazendo um equilíbrio ecologicamente sustentável para a indústria da moda, já que esta é uma das maiores poluidoras no meio ambiente (RUIZ; PINHEIRO; PIRES, 2009, *apud* CAMARGO; MARTELI; et al., p. 4, 2018)

Consequente a essa exposição a respeito do movimento *slow fashion*, é possível acrescentar, de acordo com Camargo, Martelli, et al, (2018) que a conscientização promovida pelo mesmo contribui para se repensar todo o ciclo dos produtos de vestuário, desde quando são produzidos até o descarte, visando a diminuição do descarte efetivo de peças em boas condições, especialmente tratando-se de curtos períodos de tempo, ou seja, afastando-se da moda linear a alinhando-se à moda circular.

7.8 IMPACTOS DOS BRECHÓS NO MOVIMENTO SUSTENTÁVEL

Analisado, o conceito de brechó traz um modelo de sustentabilidade no ramo do vestuário como um todo, em busca de lutar contra esse desafio da indústria da moda, que é articular a moda junto à sustentabilidade. Quando ponderamos sobre moda e seu aspecto social e cultural, percebe-se que em conjunto, buscamos uma nova compreensão de indústria, consumo e desenvolvimento sustentável. (FELIPPE, FEIL; 2020).

A poluição gerada pelas indústrias do vestuário, que não tratam adequadamente os efluentes - descuido comum em grande parte delas – prejudica o meio ambiente. É necessária uma conscientização maior, principalmente em se tratando do consumidor. Pois se este deixar de comprar um produto que não é ecologicamente adequado, a indústria terá que rever sua forma de produção, a matéria empregada, ou seja, terá que se adequar, sem prejuízos ao meio ambiente. (SCHULTE; LOPEZ, P. 2, 2007)

Segundo Schulte e Lopez (2007), a poluição ambiental no vestuário e suas vertentes, devem ser alertadas e abordadas de um jeito diferente. Consequentemente, afirmam os autores, as indústrias devem ter ciência de que o espaço da sustentabilidade está se expandindo, e a conscientização de uma maior possibilidade de mudança para que tenha-se uma produção ecologicamente correta, que não afete o meio ambiente e se alinhe à sustentabilidade.

Com a saturação do mercado industrial no ramo do vestuário, percebe-se uma busca por peças fora do padrão de grandes marcas. O consumo em brechó abre novas portas para o processo criativo de compras, visando peças que não são fabricadas em massa, peças, podem se dizer, únicas, customizadas, e que possuem uma certa originalidade. A instituição “Brechó”, possui, assim como qualquer outra instituição, aspectos culturais, sustentáveis e históricos, mas antes de todos esses, o social, onde o indivíduo procura exclusivamente uma identidade para si próprio. (LOURENÇO, 2023).

7.8.1 Impactos na natureza

Com o consumo desenfreado partindo do *fast fashion*, o ramo do vestuário lida com muitos problemas que possuem relação ambiental com a natureza, o mesmo é um dos maiores ramos de empresas responsáveis pela poluição ambiental no mundo, e também a responsável por movimentar a economia mundial, por ser um item de necessidade e luxo, algo que não é precisamente necessário. Responsável por cerca de 50% da produção têxtil em todo o planeta, a China atua como principal comerciante de artigos têxteis para o mundo, e o continente asiático detém cerca de 70% de toda a produção. (MORGENSTERN, WITKOSKI; 2018)

A indústria da moda é a segunda maior responsável pela poluição ambiental de todo o mundo, pesquisas apontam que nos últimos anos, 92 milhões de toneladas de resíduos têxteis foram descartados, e nos próximos 8 anos, a projeção de aumento nas estatísticas é de 60%. Roupas produzidas de forma sintética podem demorar até centenas de anos para ser decompostas, e ao serem descartadas na natureza as peças se despedaçam e formam-se microplásticos que podem afetar o meio ambiente, como a água, o solo, o ar, os animais e assim por diante. (D'AQUINO, 2023).

7.8.2 Impactos no futuro e possíveis movimentos

O uso da matéria prima na indústria propõe o indivíduo a refletir sobre o impacto que a grande demanda de recursos naturais pode trazer a natureza, a produção em massa de peças do ramo vestuário vem a trazer cada vez menos tempo de vida útil, onde se tem peças de baixa qualidade que acabam sendo descartadas rapidamente. Pensando nisso, junto a pressão em que as empresas se encontram para manifestar apoio ambiental à natureza, o panorama de visão empresarial busca atender ao público de uma maneira sustentável. Como outras saídas que caminham junto ao Slow Fashion, encontre-se quatro das várias opções que seguem os seguintes cenários de tendências:

A tendência *slow futures* prega redução de excesso, criando um minimalismo rústico, por intermédio do design e da tecnologia a *kinship* defende que a conectividade, tanto no meio real quanto virtual, propiciará maior senso de comunidade, a *psychotropical* aponta para o crescimento da realidade virtual, e, por fim, a *youth tonic* defende a ideia de que a cultura jovem irá influenciar o mercado com individualidade e criatividade. (GONTIJO, NISHIMURA, P. 116, 2017)

Adeptos às novas possibilidades, a geração jovem abre novas portas para o consumo sustentável e desenvolvimento de projetos em comunhão ao meio ambiente, e assim de forma coletiva pode ser reduzido o consumo demasiado de artigos de moda. (GONTIJO, NISHIMURA, 2017).

Construindo uma relação entre a moda circular e brechó, utilizamos da ressignificação das peças para promover a diminuição do descarte de artigos do vestuário e adequar-se a necessidade das pessoas ao comprarem roupas, onde a moda linear é, dessa maneira, deixada de lado, e uma nova forma de consumo é integrada no mercado, promovendo sustentabilidade e o bem-estar ambiental. (COUTINHO; KAULING, 2020).

Sendo assim a principal relação do movimento slow fashion com os brechós é o desapego às tendências globais, visto que o que se encontra em brechós são roupas "ultrapassadas", que são de coleções passadas, e que não teriam mais nenhum valor para muitos adeptos ao consumismo contemporâneo. Porém os brechós trazem essa possibilidade de reutilizar essas peças, inserindo-as em um novo ciclo de uso, desconstruindo um pouco da ideia presente no mundo da moda de que o novo é sempre melhor, diminuindo a vida útil das peças de vestuário e contribuindo com a indústria do fast fashion. (NASCIMENTO, FERNANDES, NETO, 2022).

8 METODOLOGIA

A nossa pesquisa irá utilizar uma abordagem qualitativa, o qual utiliza questionários que levantam dados e estatísticas a partir da sua aplicação com um público alvo. Uma pesquisa que conta com o método qualitativo faz com que seja possível minimizar a subjetividade de tal projeto, mas também permite com que o pesquisador se aproxime do tema principal do seu determinado estudo.

(DUARTE, 2002) (VASCONCELOS, 2021).

O método qualitativo se torna o mais eficiente para a realização da nossa pesquisa, principalmente porque ele abarca a nossa necessidade de levantar dados

sobre as objeções com relação ao consumo de roupas em brechós pelos estudantes do IFSC campus Jaraguá do Sul - Centro, através da aplicação de questionários.

Para a metodologia deste Projeto vai se utilizar, de uma forma bastante abrangente, de questionários que serão dirigidos aos discentes das últimas duas fases dos dois cursos técnicos ofertados pelo IFSC campus Jaraguá do Sul - Centro, sendo eles a 6a e a 7a fase do Ensino Médio Técnico em Modelagem do Vestuário, e também a 7a e a 8a fase do Ensino Médio Técnico em Química. O motivo pelo qual foi escolhido os determinados cursos se deu por conta da facilidade de contato para a aplicação dos questionários, e no que diz respeito às fases selecionadas, o motivo que permeia é de que as últimas fases de determinados cursos teriam uma certa autonomia, principalmente em relação ao financeiro, já que muitos dos estudantes das fases ditas estão atuando em algum emprego ou estágio, e também é suposto que esses estudantes teriam um certo domínio do assunto, visto que os brechós estão criando bastante espaço na atualidade.

O questionário que será aplicado com estudantes terá como finalidade ponderar dados a respeito de quais seriam as principais objeções dos mesmos com relação ao consumo de roupas em brechós, além de possibilitar uma maior compreensão a respeito das suas principais influências dessas objeções, e também contribuir para um maior entendimento sobre a visão dos estudantes com relação a ascensão dos brechós nos dias atuais, incluindo a sua relação com a sustentabilidade.

Com o questionário aplicado, será possível então estruturar alguns dos nossos objetivos específicos, tais como identificar quais são as objeções que são conhecidas pelos estudantes e as determinadas influências pelas quais essas objeções ocorrem, e também irá permitir com que a equipe consiga ponderar os dados relacionados ao consumo de roupas em brechós. Ao final da pesquisa, com todos os dados coletados e analisados, será possível visualizar o alcance dos objetivos e as hipóteses retratadas com o tema.

9 CRONOGRAMA

Etapas	2024/1				
	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun

Revisão do projeto de pesquisa	X				
Aplicação do questionário dos alunos	X				
Análise de dados	X	X	X	X	
Revisão bibliográfica	X	X	X	X	
Produção do relatório final	X	X	X	X	
Entrega do relatório final					X
Preparação de apresentação do relatório final				X	
Apresentação do relatório final					X

REFERÊNCIAS

AVILA, Ana Paula S. de; MACIEL, Dulce Holanda; SILVEIRA, Icléia; RECH, Sandra. Os resíduos têxteis sólidos no contexto de abordagens sustentáveis: ciclo de vida, economia circular e upcycling. **Mix sustentável**. Florianópolis, v.4. n.3. p.17-24, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335177481_OS_RESIDUOS_TEXTEIS_SOLIDOS_NO_CONTEXTO_DE_ABORDAGENS_SUSTENTAVEIS_CICLO_DE_VIDA_E_CONOMIA_CIRCULAR_E_UPCYCLING Acesso em: 01 de set. 2023.

A ORIGEM DO TABU. Itajubá: Centro Universitário de Itajubá Fepi, v. 10, n. 1, 2023. Disponível em: <http://revista.fepi.br/revista/index.php/revista/article/view/260/147>. Acesso em: 11 out. 2023.

BALOG, Késsy Alana Santos. **Brechós como ferramenta de estímulo à moda sustentável**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: São Paulo, 2022. Disponível em: [content \(mackenzie.br\)](http://content.mackenzie.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

BEDUSCHI, Danielle Paganini; PUPPIM, Régis. Epistemologia do Eco Fashion: Contributos à prática do Design de Moda e Sustentabilidade. **ENSUS – Encontro de Sustentabilidade em Projeto**. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/245158/ANAIS-ENSUS-2018-Vol-1-221-232.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 01 de set. 2023.

BITTENCOURT, Valentina Leyser. **O consumo de roupas em brechó: um olhar antropológico**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2013. Disponível em: 000905358.pdf (ufrgs.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

BÔAS, Andréa Janaina Villas; LEMES, Tatiana Tosti. **Desenvolvimento de produtos de moda a partir da valorização dos brechós**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paraná: Apucarana, 2012. Disponível em: Universidade (utfpr.edu.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

BODART, Cristiano. **Tabú: você sabe o que é? conceito, características e objetivos**. 2015. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/voce-sabe-o-que-e-tabu/> Acesso em: 11 out. 2023.

CAMARGO, Maristela Gomes de; MARTELI, Leticia Nardoni. Slow Fashion: conceitos que estabelecem essa cultura de consumo – uma revisão. **achiote**. v. 6, n. 2, 2018. Slow fashion: conceitos que estabelecem essa cultura de consumo – uma revisão | Achiote.com - Revista Eletrônica de Moda (fumec.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

CASTANHEIRA, Claudia. Mercado de segunda mão: um setor bilionário que desafia a indústria da moda como solução ou novo problema. **Curt news**, 18 de jul de 2023. Disponível em: <https://curtonews.com/curto-sobreviver/mercado-de-segunda-mao-um-setor-bilionario-que-desafia-a-industria-da-moda-como-solucao-ou-novo-problema/> Acesso em: 02 de out. 2023.

CINDY, Tsui. Moda circular: uma análise do conhecimento e comportamento de compras dos consumidores. **Universidade de Brasília**. Brasília - DF, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/29951/1/2021_CindyTsui_tcc.pdf Acesso em: 31 de ago. 2023.

CITERA, Priscila. **Diferença entre bazar e brechó**, 2023. Disponível em: <https://vestindoautoestima.com.br/diferenca-entre-bazar-e-brecho/> Acesso em: 05 de set. 2023.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 163 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zehtB3B4l6YC&lpg=PA7&ots=GSrhP747pN&dq=o%20que%20%C3%A9%20preconceito&lr&hl=pt-BR&pg=PA9#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20preconceito&f=false> Acesso em: 10 out. 2023.

COUTINHO, Mariana. KAULING, Graziela Brunhari. Fast fashion e slow fashion: o paradoxo e a transição. **Memorare**. Santa Catarina: Tubarão, v. 7, n. 3, 2020. Disponível em: Vista do Fast fashion e slow fashion: o paradoxo e a transição (animaeducacao.com.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

DELGADO, Daniela. Fast fashion: estratégia para conquista do mercado globalizado. **Modapalavra e-periódico**. 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK>

EwiKqvb73JSBAxUSIJUCHbmNBloQFnoECCIQAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.u
desc.br%2Findex.php%2Fmodapalavra%2Farticle%2Fdownload%2F7598%2F5101%
2F22674&authuser=1&usg=AOvVaw1Yyk_RIRVLEHGNTJv30xu&opi=89978449.
Acesso em: 05 de ago. 2023.

DUARTE; Rosália, Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo.
SciELO, n. 115. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/abstract/?lang=pt> Acesso
em: 05 de ago. 2023.

FELIPPE, Alessandro Mateus; FEIL, Gabriel. Brechó: Do Consumo de Roupas Velhas
ao Consumo Emergente de Moda. **Projética**. Londrina, 2020. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/36286/27112>. Acesso em:
10 de set. 2023.

FERNANDES, Ana Cristina Ferreira; NASCIMENTO, Patrícia Gomes Cerqueira;
NETO, Orlando Floriano de Souza. A Importância da Moda Circular para Promover o
Consumo Consciente. **Apoena Revista Eletrônica**. Salvador-Ba, ed. 5, v.1, p. 275
-283, dezembro de 2022. Disponível em:
[https://transformauj.com.br/wp-content/uploads/2023/05/18.A-IMPORTANCIA-DA-MO
DA-CIRCULAR-PARA-PROMOVER-O-CONSUMO-CONSCIENTE-.pdf](https://transformauj.com.br/wp-content/uploads/2023/05/18.A-IMPORTANCIA-DA-MODA-CIRCULAR-PARA-PROMOVER-O-CONSUMO-CONSCIENTE-.pdf) Acesso em:
31 de ago. 2023.

FERRONATO, Priscilla Boff; FRANZATO, Carlo. Open Design e Slow Fashion para a
Sustentabilidade do Sistema Moda. **Moda palavra e-periódico**. Universidade do
estado de Santa Catarina. Santa Catarina: Florianópolis, 2015. Disponível em:
Redalyc.Open Design e Slow Fashion para a Sustentabilidade do Sistema Moda.
Acesso em: 05 de set. 2023.

GADIOLI, Izaura Lucena. **Motivação de usuários de bazares e brechós no Distrito
Federal**. Universidade de Brasília. Brasília: Distrito Federal, 2019. Disponível em:
[2019_izauraLucenaGadioli_tcc.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10408/2019_izauraLucenaGadioli_tcc.pdf) (unb.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

GONTIJO, Leila Amaral; NISHIMURA, Maicon Douglas Livramento. Vestuário
sustentável. **Pensamento e Realidade**. São Paulo, V. 32. n. 2, 2017. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/31818> Acesso
em: 31 de ago. 2023.

D'AQUINO, Sabrina. **Como descartar roupas e tecidos de forma adequada?**.
Instituto Federal de Santa Catarina, 2023. Disponível em:
[https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/como-descartar-roupas-e-tecidos-de-forma-
adequada-](https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/como-descartar-roupas-e-tecidos-de-forma-adequada-). Acesso em: 29 de out. 2023.

LEGNAIOLI, Stella. **Brechó online, de luxo, infantil... o que você precisa saber?**,
2023. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/brecho/> Acesso em: 05 de set. 2023.

MARTINS, Raquel Denise Salvalaio da Silva; A Ascensão da Moda de Brechós na era Digital. **Revista Tecnologia e Tendências**. Novo Hamburgo, a. 10. n. 1. jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistatecnologiaetendencias/article/view/1473> Acesso em: 06 de set. 2023.

MARTINS, Valéria Cardoso; VALENTIM, Anamélia Fontana. **Reflexões sobre o consumo de moda em brechós na atualidade**. Instituto Federal de Santa Catarina. Santa Catarina: Araranguá. Disponível em: tcc.valeria_cardoso_martins.pdf (ifsc.edu.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

MEDEIROS, Maria Alice. **Moda circular: o que é, como funciona e dicas para começar**. Disponível em: <https://ecommercenapratica.com/blog/moda-circular/#:~:text=Para%20vender%20Moda%E2%80%9D-,Qual%20a%20import%C3%A2ncia%20da%20moda%20circular%3F,consciente%20em%20termos%20> Acesso em: 31 de ago. 2023.

MORGENSTERN, Elenir Carmen; WITKOSKI, Silvana Silva Reiter. Consumismo: Uma Reflexão Acerca Das Aquisições No Campo Da Moda. **MIX Sustentável**. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/3017/2505>. Acesso em: 05 de out. 2023.

NASCIMENTO, Ana Cristina Ferreira; FERNANDES, Patrícia Gomes Cerqueira; DE SOUZA NETO, Orlando Floriano. A IMPORTÂNCIA DA MODA CIRCULAR PARA PROMOVER O CONSUMO CONSCIENTE. **Apoema Revista Eletrônica**, 2022. Disponível em: <https://transformauj.com.br/wp-content/uploads/2023/05/18.A-IMPORTANCIA-DA-MODA-CIRCULAR-PARA-PROMOVER-O-CONSUMO-CONSCIENTE-.pdf>. Acesso em: 29 de out. 2023.

NISHIMURA, Maicon Douglas Livramento; GONTIJO, Leila Amaral. Vestuário Sustentável. **Pensamento & Realidade**, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/issue/view/1832>. Acesso em: 07 de out. 2023.

OLIVEIRA, Yasmin Medeiros de. Comportamento de Consumo de Moda Circular dos Millennials. **IADE – Universidade Europeia**. Lisboa, 2020. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/35138/1/YasminMedeiros_Final_Tese.pdf Acesso em: 01 de set. 2023.

RAMM, Elisângela Fröhlich; MORAIS, Roberto Tadeu Ramos. **Brechó: empreendimento focado no consumo sustentável da moda em constante crescimento no mercado**. FACCAT. Rio Grande do Sul: Taquara, 2021. Disponível em: BRECHÓ: EMPREENDIMENTO FOCADO NO CONSUMO SUSTENTÁVEL DA

MODA EM CONSTANTE CRESCIMENTO NO MERCADO | Revista de Administração de Empresas Eletrônica - RAEE (faccat.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

SANTOS, Caroline Conceição dos; SIGRIST, Vanina Carrara. Análise da indústria da moda e a importância da sustentabilidade e da circularidade para o setor. **Bioenergia em revista: Diálogos**. vol. 10, n. 2. 2020. Disponível em: Análise da indústria da moda e a importância da sustentabilidade e da circularidade para o setor SANTOS | Bioenergia em Revista: Diálogos (ISSN: 2236-9171) (fatecpiracicaba.edu.br). Acesso em: 05 de set. 2023.

SCHULTE, Neide Köhler. Eco Fashion: uma nova tendência de moda. **DAPesquisa**. Florianópolis, v.3 n.5, p.559-566, 2008. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15447/10121> Acesso em: 01 de set. 2023.

SCHULTE, Neide Köhler; LOPEZ, Luciana Dornbush. Sustentabilidade Ambiental No Produto De Moda. **VIRTUHAB**. Itajaí, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/221885>. Acesso em: 07 de out. de 2023.

TAVARES, Natália Brentano. **Greenwashing na indústria da moda mundial e suas consequências**. Paraná: Curitiba, v. 2, 2022. Disponível em: Greenwashing na indústria da moda mundial e suas consequências | Organização Sistêmica (cadernosuninter.com). Acesso em: 05 de set. 2023.

VALE, Ciro; MACIEL, Tânia; CAVAS, Cláudio. As restrições ao comércio de roupas usadas: preconceitos e tabus. **Cadernos de estudos sociais**, Recife, v.31, n.2, p. 29-50, jul/dez, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1527/pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023

VASCONCELOS; Isabela. **Tuacarreira**. Pesquisa Quali-Quantitativa: Conheça e Saiba Como Aplicar. abr. 2021. Disponível em: <https://www.tuacarreira.com/pesquisa-quali-quantitativa/> Acesso em: 25 jun.2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - RASCUNHO DO QUESTIONÁRIO

Rascunho do questionário que será dirigido aos estudantes das últimas duas fases dos dois cursos técnicos oferecidos pelo Instituto Federal de Santa Catarina, Jaraguá do Sul - Centro, sendo eles o Ensino Médio Técnico em Modelagem do Vestuário, sendo a 6a e 7a fase, e o Ensino Médio Técnico em Química, sendo a 7a e 8a fase.

Título: Questionário do Conectando Saberes sobre os pré julgamentos em relação ao consumo de roupas de segunda mão.

Descrição do formulário:

Estudantes: Rafaela Thaís Jacobi, Amanda Gabrieli Schalinski dos Santos, Pamela Eloiza Krisanski, Martha Bettoni, Rafaela Camila Santana.

Curso: Ensino Médio Técnico em Modelagem do Vestuário. 4a fase.

Projeto de Conectando Saberes: Objeções em relação ao consumo de roupas de segunda mão.

Esse questionário está sendo aplicado a fim de descobrirmos quais são as objeções mais comuns com relação ao consumo de peças de vestuário de segunda mão em brechós entre as fases selecionadas, e entender um pouco sobre as suas influências. Também se procura compreender quais fatores levam os estudantes a comprarem ou não em brechós, para assim, conseguirmos realizar uma maior visibilidade em nosso projeto.

Olá estudantes! Gostaríamos que vocês respondessem o questionário para ajudar-nos a obter dados para o nosso Projeto de Conectando Saberes. Contamos com a ajuda de vocês.

Enfatizamos que as respostas deste questionário serão anônimas.

Primeira parte do questionário:

1) Você compra em brechós?

sim

não

- Se o discente escolher a opção “sim”, ele irá responder às seguintes perguntas:

1) Qual seria seu principal motivo para comprar roupas em brechós?

os preços mais em conta;

- () os brechós são uma alternativa de moda sustentável;
- () encontro maior variedade de roupas/estilos (tendências vintage por exemplo);
- () gosto de comprar nesse tipo de loja;
- () influência das mídias sociais.

Outros motivos:

- 2) Levando em consideração que existem opiniões negativas em relação a esse tipo de vestuário, que se relacionam fortemente com o desconhecimento da origem de determinada peça, você já ouviu alguma fala preconceituosa relacionada aos brechós? Quais seriam essas falas?
- 3) Na sua concepção, por quais motivos existem essas opiniões negativas para com os brechós?
- 4) Você consome itens derivados de brechós por influência das mídias sociais?
- 5) Quais são os seus critérios na hora de escolher uma peça em um brechó?
 - Se o discente escolher a opção “não”, ele irá responder às seguintes perguntas:

- 1) Qual seria o principal motivo de você não comprar em brechós?

- () A peça pode ter pertencido a uma pessoa falecida;
- () A peça pode conter doenças;
- () Acho anti-higiênico;
- () Não me sinto confortável utilizando roupas que já pertenceram à outra pessoa;
- () Restrição religiosa;
- () Pois possuo energias negativas.

Outros motivos:

- 2) Qual a sua opinião em relação às peças de vestuário compradas em brechós?
- 3) Você acredita que algum comentário que você já tenha escutado de alguém de seu convívio pode ter contribuído para o fato de você não frequentar brechós?
- 4) Na sua concepção, existem pontos positivos para comprar roupas de segunda mão? Se sim, quais?
- 5) E quais seriam os pontos negativos para comprar roupas de segunda mão?

- 6) Se você se deparasse com uma peça de uma marca renomada que possui valores muito altos agregados às suas peças de roupa, porém, a peça se encontra em uma vitrine de um brechó, com um preço muito mais acessível e em ótimo estado, você compraria essa determinada peça? Por que?